

Preparação vocal em coros comunitários: o percurso de uma pesquisa-ação

MODALIDADE: Comunicações orais, Subárea: Educação Musical

Caiti Hauck-Silva

Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP – caiti.silva@usp.br

Marco Antonio da Silva Ramos

Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP - masramos@usp.br

Susana Cecília Igayara

Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP - susanaiga@gmail.com

Resumo: Este é o relato de uma pesquisa-ação sobre a preparação vocal realizada no *Communicantus: Laboratório Coral* do Departamento de Música da ECA-USP. Tendo como focos a formação do preparador vocal e o desenvolvimento da técnica vocal nos coros comunitários Escola e Oficina, discutiu-se a preparação vocal a partir de autores como Ehmann e Haasemann, Garretson, Miller, Robinson e Winold, Smith e Sataloff, Swan, e Thomas. Dados foram coletados por meio da participação nos ensaios e da análise da documentação do *Communicantus: Laboratório Coral*. Concluiu-se que a preparação vocal é uma atividade complexa que, para além da aplicação de exercício vocais, envolve conhecimentos em pedagogia e, principalmente, a habilidade da percepção vocal.

Palavras-chave: Preparação Vocal para Coro, Canto Coral, Técnica Vocal, Percepção Vocal, Pedagogia Vocal

Voice building for community choirs: *cursus* of an action research

Abstract: This is a report of an action research on voice building done at *Communicantus: Choral Laboratory* of the Music Department of ECA-USP. Focused on the training of the trainee in voice building and on the development of vocal technique in community choirs Escola and Oficina, it discusses voice building activities based on authors such as Ehmann and Haasemann, Garretson, Miller, Robinson and Winold, Smith and Sataloff, Swan, and Thomas. Data collection was done through participation in rehearsals and analysis of *Communicantus: Choral Laboratory's* protocol documentation. Results suggest that voice building is a complex activity, which involves not only the application of vocal exercises, but also the knowledge on pedagogy and, mainly, the ability of vocal perception.

Keywords: Voice Building for Choirs, Choral Singing, Vocal Technique, Vocal Perception, Vocal Pedagogy

1. Introdução

Este artigo discute as escolhas metodológicas e os resultados alcançados em uma pesquisa de mestrado focada na preparação vocal, que é aqui compreendida como o período de aquecimento vocal no ensaio coral que tem como objetivo o ensino-aprendizagem coletivo dos fundamentos de uma técnica vocal eficiente e saudável. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2010 e 2012 e esteve vinculada ao *Communicantus: Laboratório Coral*¹ do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Tendo como objeto central a preparação vocal no Coral Escola *Communicantus* e no Coral Oficina *Communicantus*, a pesquisa discutiu e descreveu as práticas relacionadas a

este objeto a partir de duas perspectivas: primeiro, o preparador vocal voltado para o desenvolvimento das habilidades envolvidas em sua atuação; e, depois, o preparador vocal olhando para o desenvolvimento do coro por meio dos exercícios de preparação vocal.

Os principais objetivos consistiram em identificar e descrever: 1) os saberes e as habilidades que fazem parte da formação e da atuação do preparador vocal no *Comunicantus: Laboratório Coral*; 2) as principais características vocais dos coralistas do Coral Escola e do Coral Oficina; e 3) os exercícios mais utilizados na preparação vocal destes dois coros, analisando-os e discutindo-os a partir de referenciais teóricos das áreas de regência coral, canto coral e pedagogia vocal.

Para a consecução destes objetivos, utilizamos amostragens coletadas nos ensaios e nas atividades relacionadas ao trabalho com os coros Escola e Oficina, assim como dados dos arquivos do *Comunicantus: Laboratório Coral*. O material de ensaio foi coletado no ano de 2010 através de ações diretas nestes dois coros, por meio da atuação da primeira autora como preparadora vocal e regente de peças escolhidas. As apresentações dos coros e parte dos ensaios foram registradas em meio audiovisual. Houve também coleta de dados durante as atividades de preparação dos ensaios, que incluíram a redação de avaliações e de planejamentos de ensaios, a leitura e a discussão de avaliações e planejamentos elaborados por outros alunos, assim como discussões, com os professores supervisores — aqui identificados como segundo e terceiro autores — e com a equipe de alunos, sobre a preparação vocal.

Dados referentes ao trabalho realizado em 2010 e em anos anteriores também foram coletados a partir da análise do protocolo de documentação do *Comunicantus: Laboratório Coral*, formado por avaliações semanais de ensaios e relatórios das práticas educativas, registrados desde 2001. Foram pesquisados, em formato impresso, os 11 Relatórios Gerais de Avaliação dos Resultados, relativos às atividades do Coral Escola entre os anos de 2001 e 2004 e, em formato digital, as 125 avaliações de ensaios do Coral Escola, realizadas entre 2005 e 2010, assim como as 75 avaliações de ensaios do Coral Oficina, referentes aos anos de 2008 a 2010. Estes dados foram analisados qualitativamente e cotejados com a bibliografia especializada, a partir de autores como Ehmann e Haasemann (1982), Garretson (1998), Miller (1986, 1995), Pfautsch (1988), Robinson e Winold (1976), Smith e Sataloff (2006), Swan (1988) e Thomas (1979).

A pesquisa buscou relacionar a discussão teórica à prática coral, unindo a pesquisa bibliográfica às atividades educativas e de performance, nas quais o aprendizado é, muitas vezes, transmitido oralmente. Como a parte prática foi realizada por meio da atuação

direta com os dois coros pesquisados, optou-se pela metodologia da pesquisa-ação, que, além de considerar o papel ativo do pesquisador, visa à consecução de objetivos práticos e de conhecimento (THIOLENT, 2002). Utilizou-se, durante toda a pesquisa e, principalmente, ao longo da coleta de dados, a estrutura cíclica da pesquisa-ação, na qual se planeja, age, monitora, descrevem-se os efeitos e avaliam-se os resultados para, então, replanejar, agir, monitorar, reavaliar e assim sucessivamente (TRIPP, 2005).

O canto coral, em diversos países e também no Brasil, é uma atividade realizada predominantemente por grupos amadores. Nesses coros, em geral somente o regente tem formação em música e muitos coralistas contam com o ensaio coral como única fonte para o ensino-aprendizagem da técnica vocal (EHMANN; HAASEMANN, 1982; FERNANDES, 2009; HERR, 1995; PFAUTSCH, 1988; SMITH; SATALOFF, 2006). O desenvolvimento de uma técnica vocal saudável é visto como um elemento fundamental do canto coral tanto por autores nacionais (BEHLAU; REHDER, 1997; FERNANDES, 2009; HERR, 1995) como estrangeiros (EHMANN; HAASEMANN, 1982; MILLER, 1995; PFAUTSCH, 1988; ROBINSON; WINOLD, 1976; SMITH; SATALOFF, 2006; SWAN, 1988; THOMAS, 1979).

Na prática, contudo, o ensino-aprendizagem da técnica vocal nem sempre está presente nos ensaios corais, visto que, entre regentes, não há um consenso a esse respeito, seja por desconhecimento da técnica vocal, por não considerá-la importante, ou outros motivos (FERNANDES, 2009; SWAN, 1988). Entretanto, como explica a cantora lírica, professora livre-docente e regente Martha Herr, a ausência de um trabalho vocal pode restringir o desenvolvimento dos coralistas:

A maioria dos regentes tem, pelo menos, uma noção de canto, mas tem que depender da assistência de um preparador vocal para ajudar neste aspecto tão importante do desenvolvimento das vozes dos coralistas. Alguns preferem vozes “naturais” (sic. não líricas) mas confundem naturalidade com vozes cruas e não treinadas. Estas vozes vão sempre soar aquém das suas capacidades. Não recomendo aulas sistemáticas de canto para todo o coral, mas, como regentes, nós temos certas responsabilidades para com as vozes entregues em nossas mãos com tanta confiança (HERR, 1995: 51).

Seguindo a linha de pensamento dos autores acima citados, esta pesquisa foi realizada no contexto de uma tradição coral que tem a técnica vocal como um de seus fundamentos. Por isso, os ensaios dos coros Escola e Oficina são iniciados com uma preparação vocal que, além de aquecer a musculatura para o canto, visa também o ensino-aprendizagem das bases técnicas para uma produção vocal eficiente e saudável². Os alunos que atuam como regentes destes coros são estimulados a realizar a preparação vocal,

aproximando-se de uma função que, na realidade brasileira, frequentemente é assumida pelo regente coral.

2. A formação do preparador vocal

A preparação vocal em canto coral é uma atividade complexa que implica a integração e a interação de conhecimentos em regência coral e pedagogia vocal, envolvendo não só a técnica vocal e de regência, mas disciplinas como harmonia, história da música, análise musical, repertório coral, pedagogia, linguística, anatomia, fisiologia e acústica vocal, entre outras. Além disso, existe nela um antagonismo intrínseco: a questão individual e a coletiva. Considerando o cuidado com a voz de cada coralista como uma condição para o ensino-aprendizagem da técnica vocal dentro do coro (RAMOS, 2003), surge, para o preparador vocal, a necessidade de atentar para aspectos tanto coletivos quanto individuais e de administrar estes dois âmbitos.

Nesta pesquisa, observamos que faz parte da formação do preparador vocal o desenvolvimento da percepção vocal, habilidade que tem papel fundamental em sua atuação, auxiliando-o também na administração dos âmbitos individual e coletivo. Drahan (2007) descreve amplamente esta habilidade, que raramente é detalhada na bibliografia sobre regência coral ou preparação vocal, cujo foco está, na maior parte das vezes, em explicações sobre técnica vocal e na descrição de exercícios vocais.

A percepção vocal — que pressupõe o domínio da própria voz e o conhecimento da anatomia, da fisiologia e da acústica vocal — é uma capacidade prática que envolve saber fazer, saber ouvir e analisar a própria produção vocal e, principalmente, a dos indivíduos no coro. Ela permite que se reconheçam ajustes vocais por meio da visão, da audição, das sensações musculares e da sensibilidade vibracional. A percepção vocal assume duas funções: a interpretadora e a administrativa. A função interpretadora envolve a percepção da própria voz e pode entrar em ação quando, por exemplo, o preparador vocal demonstra um exercício a ser realizado. A função administrativa envolve perceber e analisar a produção vocal do coralista e também saber orientá-lo para a correção; ela possibilita que o regente reconheça uma produção vocal ineficiente e compreenda o que precisa ser feito para melhorá-la (DRAHAN, 2007).

Constatamos que conhecimentos em pedagogia são também importantes para o preparador vocal, que frequentemente atua como professor de canto. A compreensão de como se dá o processo de ensino-aprendizagem e de assimilação de novos conhecimentos é uma

habilidade que auxilia o preparador vocal nos momentos em que ele oferece orientação direta — isto é, situações nas quais ele ensina novos elementos técnicos para o coro, explicando e trabalhando esses aspectos como que em uma “mini-aula” — e também uma correção ou *feedback*, ou seja, quando, durante os exercícios vocais, é feito um breve comentário sobre a produção vocal do coro com o intuito de corrigi-la e/ou melhorá-la.

Os saberes e habilidades acima descritos, ao serem utilizados conjunta e interativamente durante a realização da preparação vocal, inserem-se na busca por estratégias, indo além da mera aplicação de um programa de exercícios. Diferentemente do programa pré-organizado, a estratégia pressupõe flexibilidade e está aberta às modificações impostas por força da situação real na qual é aplicada (MORIN, 2005). Nesta perspectiva, os exercícios vocais e a sua ordenação são compreendidos como pequenas sequências programadas que estão a serviço de estratégias de ensaio e de ensino, considerando o contexto do coro, suas incertezas e necessidades.

3. A preparação vocal no Coral Escola e no Coral Oficina

Por fazer parte de uma estratégia elaborada para uma realidade específica, a escolha dos exercícios para a preparação vocal no Coral Escola e no Coral Oficina esteve sempre associada ao perfil de seus integrantes. Descrito de forma breve, estes grupos são coros comunitários, nos quais não há a exigência de conhecimento musical ou vocal anterior. Contudo, no ano de 2010, o perfil do coralista do Coral Escola, grupo criado em 2001, remetia a um cantor leigo com alguma facilidade musical ou vocal, ao tempo que os participantes do Coral Oficina, que manteve atividades entre os anos de 2008 e 2010, nem sempre tinham essa facilidade.

Dentre as características mais comuns de seus integrantes, destacamos as dificuldades em relação a postura, respiração, apoio, pronúncia, precisão rítmica, registros vocais, extremos de dinâmica e afinação. No Coral Oficina, tais características eram mais acentuadas do que no Coral Escola. Muitas destas dificuldades pareciam ser consequências de uma consciência corporal pouco desenvolvida. Já os problemas com afinação costumavam estar relacionados a dificuldades com a memória musical — envolvendo a escuta atenta da nota de referência, a audição interna (ou imagem auditiva) e o ouvido musical (ou percepção musical) — ou à ausência de técnica vocal.

Os exercícios utilizados na preparação vocal destes coros visavam trabalhar aspectos como postura, respiração e apoio, ressonância, diferenciação de vogais, agilidade,

staccato, sustentação, homogeneidade de registros vocais, extensão e escuta harmônica. Durante a pesquisa, os exercícios aplicados com maior frequência foram coletados, descritos e discutidos por meio de uma confrontação entre as práticas realizadas e as obras de autores como Ehmann e Haasemann (1982), Garretson (1998), Miller (1986, 1995), Pfautsch (1988), Robinson e Winold (1976), Smith e Sataloff (2006), Swan (1988) e Thomas (1979). Nesta confrontação, nem sempre houve consenso entre a prática realizada e os autores citados, sendo as principais divergências relacionadas à utilização da técnica de *bocca chiusa*, à escolha de vogais para a vocalização e à extensão mais apropriada para os exercícios vocais, especialmente na região aguda.

Pela necessidade de brevidade deste artigo, não serão reproduzidos os exercícios para preparação vocal. Estes podem ser consultados em Hauck-Silva (2012)³, onde também se encontra a discussão sobre a aplicação dos exercícios, concatenada com a bibliografia.

4. Considerações finais

A pesquisa aqui relatada dedicou-se à reflexão sobre a formação e a atuação do preparador vocal e sobre os exercícios através dos quais sua atividade é, em parte, concretizada. Compreendemos que um exercício vocal em si não tem valor algum, pois, para ser eficaz, ele precisa ser realizado de forma a atingir os objetivos que levaram à sua escolha. Na atividade com os coros estudados, constatamos que a orientação e o *feedback* oferecidos pelo regente tinham um papel determinante para a realização apropriada dos exercícios, uma vez que, sem supervisão, a mera repetição de melodias pode até reforçar hábitos vocais automáticos, que não promovem um crescimento da expressão vocal dos coralistas.

Considerando, então, que exercícios são ferramentas sem valor intrínseco e sendo aceita a premissa de que saber fazer não necessariamente significa saber ensinar a fazer, concluímos que possuir uma lista de exercícios vocais e conhecer a técnica e a ciência vocal, embora sejam elementos sem dúvida imprescindíveis, ainda são somente o ponto de partida para a atuação do preparador vocal. O trabalho de ensino-aprendizagem da técnica vocal no Coral Escola e no Coral Oficina implicou, por um lado, a escolha de exercícios vocais partindo de uma estratégia mais ampla de resolução de problemas e, por outro, a percepção da produção vocal do coralista para, de forma consciente, corrigi-lo e orientá-lo.

As duas perspectivas que motivaram esta pesquisa — o olhar do preparador vocal, primeiramente, para sua formação e seu próprio desenvolvimento e, depois, para o desenvolvimento do coro por meio dos exercícios — apesar de divididas para uma melhor

compreensão, não são nem opostas nem lineares e, na prática, não estão separadas. Os aspectos da preparação vocal aqui apresentados formaram, na prática com os coros, uma estrutura cíclica e espiral. Saberes, habilidades e ferramentas interligam-se, promovendo a interação e a retroação sobre as escolhas estratégicas, seja durante a preparação vocal, seja na elaboração e na (re)avaliação das estratégias. Esta estrutura remete à pesquisa-ação e seu ciclo em espiral: planejar, agir, monitorar e descrever os efeitos, avaliar os resultados, replanejar, agir, monitorar, reavaliar, etc. A reflexão, que permeia todo o ciclo, insere o contexto, o momento presente, as incertezas e as instabilidades do coro em cada uma das etapas, possibilitando que a estratégia seja repensada e readaptada.

As considerações aqui expostas levam-nos a pensar que, apesar de nem sempre estar incluída no ensaio coral e de ser, às vezes, confundida com a simples realização de exercícios vocais, a preparação vocal é uma atividade de grande complexidade, integrando saberes e fazeres.

Referências:

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. *Higiene vocal para o Canto Coral*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

DRAHAN, Snizhana. *Ouvir a voz: a percepção da produção vocal pelo regente coral - método e formação*. São Paulo, 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade de São Paulo.

EHMANN, Wilhelm; HAASEMANN, Frauke. *Voice building for choirs*. Chapel Hill, NC: Hinshaw Music, Inc., 1982.

FERNANDES, Angelo José. *O regente moderno e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros*. Campinas, 2009. 475f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal de Campinas.

GARRETSON, Robert L. *Conducting choral music*. 8th ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

HAUCK-SILVA, Caiti. *Preparação vocal em coros comunitários: estratégias pedagógicas para construção vocal no Comunicantus: Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP*. São Paulo, 2012. 179f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de São Paulo.

HERR, Martha. Considerações para a classificação da voz do coralista. In: FERREIRA, Leslie Piccolotto et al. *Voz profissional: o profissional da voz*. Carapicuíba: Pró-fono Departamento Editorial, 1995. p. 51-56.

MILLER, Richard. The solo singer in the choral ensemble. *Choral Journal*, Oklahoma, v. 35, n. 8, p. 31-36, 1995.

_____. *The structure of singing: System and art in vocal technique*. Boston, Massachusetts: Schirmer, 1986.

MORIN, Edgar. *O método 2: A vida da vida*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PFAUTSCH, Lloyd. The choral conductor and the rehearsal. In: DECKER, Harold; HERFORD, Julius (Ed.). *Choral conducting symposium*. 2nd ed. New Jersey: Prentice Hall, 1988. p. 69-111.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. *O ensino da regência coral*. São Paulo, 2003. 107f. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo.

ROBINSON, Ray; WINOLD, Allen. *The choral experience*. New York: Harper & Row, 1976.

SMITH, Brenda; SATALOFF, Robert Thayer. *Choral pedagogy*. 2nd ed. San Diego: Plural Publishing Inc., 2006.

SWAN, Howard. The development of a choral instrument. In: DECKER, Harold; HERFORD, Julius (Ed.). *Choral conducting symposium*. 2nd ed. New Jersey: Prentice Hall, 1988. p. 7-68.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMAS, Kurt. *Lehrbuch der Chorleitung*. 19 aufl. Weisbaden: Breitkopf & Härtel, 1979.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa – Revista da FEUSP*, São Paulo: v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

¹ Em funcionamento desde 2001, o *Comunicantus: Laboratório Coral* oferece aos alunos da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de Música da ECA-USP a oportunidade de atuarem como regentes, monitores, preparadores vocais, entre outras funções relacionadas ao canto coral. O trabalho é realizado em coros comunitários, formados por pessoas da comunidade interna ou externa à USP nos quais o conhecimento musical ou vocal não é um pré-requisito para a participação. Com objetivos artísticos e também educativos, as atividades têm foco no ensino-aprendizagem tanto dos coralistas quanto dos alunos.

² Como explica Swan, “existe mais de uma ‘maneira certa’ de cantar” (SWAN, 1988: 11). As diferentes formas de utilizar a voz estão relacionadas a opções estéticas que variam de acordo com a cultura e com o estilo da música interpretada, resultando em técnicas distintas e específicas. As atividades realizadas durante esta pesquisa visaram ao desenvolvimento de uma técnica vocal segundo o ideal estético da cultura ocidental e, especificamente, do canto lírico ocidental, que parece estar associado a uma sonoridade vocal produzida com liberdade e por meio do funcionamento eficiente do mecanismo vocal (MILLER, 1986).

³ Esta dissertação está disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-07032013-143458/pt-br.php>).